

Trabalho de José Bechara  
que integra individual  
do artista em São Paulo

CRÍTICA

## FINAL FELIZ

EXPOSIÇÃO DO ARTISTA JOSÉ BECHARA INOVA EM RELAÇÃO À SUA PRODUÇÃO RECENTE, SEM SOBRESSALTOS, EM BUSCA DA CALMA QUE SE SEGUE À TEMPESTADE POR TIAGO MESQUITA

Os trabalhos de José Bechara em *Geométrica* poderiam ser vistos como miniatras ou registros da obra que ele desenvolve desde 2002. Ele diminuiu a escala e recorreu a meios de produção que fazem as pequenas esculturas assemelharem-se a maquetes. Além disso, mostra fotografias de peças anteriores, o que reforça a idéia de registro da obra. Tal ponto de vista, no entanto, é um engano de quem tem pressa.

O trabalho é novo. Desenvolve aspectos pouco explorados de sua obra recente. Paradoxalmente, a diminuição de escala nas esculturas e a criação de um ponto de vista fixo na fotografia nos revelam características decisivas dessa criação, que estavam recalçadas em todo o seu percurso recente. Em 2002, Bechara passa a dar maior importância aos trabalhos tridimensionais. Antes, ele era conhecido como um pintor. Um artista que trabalhava a partir da oxidação da lona. Bechara construía relações formais e cromáticas a partir da corrosão da superfície. A lona se desgastava e ganhava a feição de uma pintura abstrata informal. A partir do desgaste, o plano se modificava e se tornava arte. Ele continua a trabalhar com esse tipo de entropia,

mas agora é diferente. O que se desgasta é o sentido e a função dos objetos utilizados. O mobiliário é o material central. Ele perde o seu lugar e o seu uso dentro do espaço onde ele sempre esteve: a casa. Os móveis são expulsos pela porta e pelas janelas. Saem da ordem doméstica e vazam pelas frestas. Um mundo inanimado se rebela e instaura o caos. Nas instalações essa impressão teatral e simbólica é forte. Os objetos utilizados têm uma escala real, são os mesmos que encontramos nas residências. Nos trabalhos recentes, no entanto, notamos que se trata de mais do que móveis indo para a rua da amargura.

### EQUILÍBRIO E CAOS

Agora, os interiores por onde saem os móveis não se parecem com uma casa. O artista passou a trabalhar com cubos de madeira pequenos. As formas são abstratas. Alguns têm faces vedadas com recortes de portas e janelas. Os outros são vazados. Um cubo sempre se relaciona com outro. Entram elementos como a cor e a linha. No entanto, da mesma forma que os cubos se tornam mais abstratos, os móveis parecem ainda mais concretos, pesados e irascíveis. São eles que tiram tudo do

lugar e ordenam o modo como um cubo se relaciona com o outro. O desabamento dos móveis, além de constituir um arranjo escultórico, também estabelece uma harmonia de formas coloridas. Não deixa de ser estranho tamanho equilíbrio depois de um desastre. A proposta de construir algo tão composto a partir da desordem é interessante, mas amansa toda a tensão que havia antes. Parece que tudo aquilo era dissimulado, feito para buscar uma forma de beleza. A fuga dos móveis vira uma maneira de deixar tudo do jeito mais apropriado. A relação acaba artística demais, composta demais. Pode ser vista como um amansamento da tensão inicial, mas talvez seja uma forma de otimismo. Que tenta encontrar luz no fim do túnel em uma situação adversa. Aqui, depois da tempestade, depois que as coisas se sedimentaram, tudo acaba bem. ■

### ONDE E QUANDO

Marília Razuk (av. Nove de Julho, 5.719, Itaim, São Paulo, SP, tel. 0++/11/3079-0853). De 2ª a 6ª, das 10h30 às 19h; sáb., das 11h às 15h. Até 18/4. Grátis.